

The end?

Aviso ao público: as salas de cinema estão fechando

Cinema ainda é a melhor diversão?... Pode ser até que seja, mas não no Brasil, onde a cada dia que passa fica mais difícil encontrar uma sala

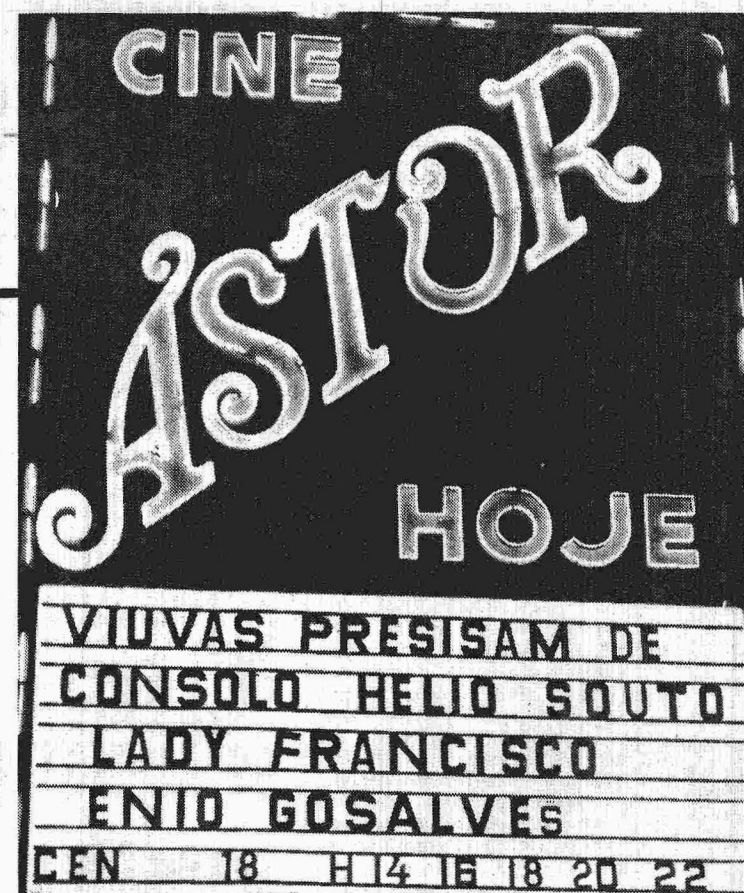
cinematográfica em funcionamento. Isto porque, só no ano passado, o País perdeu 69 salas de cinema enquanto apenas 14 foram inauguradas e mais 31 conseguiram reabrir suas portas. As empresas comerciais alegam que são constantemente lesadas pelos altos índices de impostos a pagar e pela lei que obriga a exibição de filmes nacionais, que os empresários garantem não atrair o grande público. Mas o público também reclama das péssimas condições em que se encontram os cinemas brasileiros: acabam não voltando e os cinemas fecham suas portas para sempre. A questão já foi amplamente discutida e nenhuma conclusão concreta tirada das discussões. O que se sabe de fato, é que hoje, a frequência aos cinemas é bem menor do que há trinta anos, apesar de ainda ser uma das diversões mais baratas existentes no Brasil. Aqui no Distrito Federal, o ingresso para se assistir um filme está em torno de Cr\$ 15 mil no Plano Piloto e Cr\$ 10 mil nas cidades-satélites. O mesmo preço de uma revista semanal, um sanduíche com um refrigerante e três litros de meio de gasolina. Um livro, por exemplo, está cinco vezes mais caro do que uma ida ao cinema, em média. Enfim, qual é o problema do cinema no Brasil? Em 1978, para se ter uma idéia, Brasília contava com 24 salas de exibição, número que no ano passado, reduziu-se para 16. Há quatro anos, a Empresa São Paulo-Minas passou a dominar o circuito comercial cinematográfico do Distrito Federal. Durante este período, ela passou a administrar todos os cinemas que antes pertenciam à rede Karim, de propriedade de Abdala Karim Nabut e mais os cines Bristol, Lara, Paranoá, Venâncio e Taguacenter. No entanto, passamos a não contar mais com cinco deles: o Karim Criança, Superama Karim, Cinema I, Taguacenter e Karim Guará. A São Paulo-Minas justifica estes fechamentos pelo alto custo do condomínio dos prédios onde se localizavam, os 12 por cento de ISS e pagamento dos funcionários. Agora, o gerente da empresa, Luiz Gonzaga, afirma que as perspectivas são boas e não existe qualquer perigo de novos cinemas virem a fechar. E para provar que estão falando sério, a empresa gastou mais de Cr\$ 15 milhões só na reforma do cine Bristol, colocando sistema double-stereo de som, que é capaz de eliminar qualquer interferência de ruídos externos, fixando a temperatura ambiente em 22 graus e oferecendo a mordomia de um bar mais

eficiente dentro da própria sala. Este mesmo sistema de som, o mais moderno para cinema, também será implantado no cine Karim da 110/111. Luiz Gonzaga garante que, com isto, teremos os dois únicos cinemas classe "A" de Brasília e promete mais: os outros cinemas da empresa sofreram reformas gradativas e logo ficaremos livres dos ratos, das baratas, do desconforto e do mau cheiro causado pela falta de ventilação destas salas localizadas, na sua maioria, em subsolos ou andares superiores. Que assim seja, pois já que são poucos, que pelo menos tenham o conforto que o espectador merece. O ministro da Cultura, Aluisio Pimenta, também está preocupado com a situação drástica das salas exibidoras. Por isto, ele criou uma

Comissão de Cinema para levantar, em um documento, os principais motivos do fechamento dos cinemas no Brasil. Esta comissão conseguiu levantar vários motivos, desde o alto custo operacional, a alta taxa cobrada para o direito autoral e insuficiência de produção nacional para atendimento da obrigatoriedade da exibição de 140 dias ao ano em cada cinema, até o número reduzido de cópias para circulação nacional e a ausência de filmes de arte no mercado cinematográfico como resultante da obrigatoriedade da cópia nos laboratórios nacionais. O argumento dos exibidores de que esta obrigatoriedade do filme nacional é uma das causas dos fechamentos de



Brasília, como capital do País, não poderia fugir à regra e seus cinemas estão fechando pouco a pouco, deixando o público entregue às baratas ou às sessões especiais de cineclubes. No entanto, há pessoas que vêem luz quase clara no fim do túnel, como Luiz Gonzaga, da empresa São Paulo-Minas, ao afirmar que outras salas não fecharão de forma alguma



cinemas é questionável. As estatísticas em poder da Embrafilme, conforme explica o documento apresentado pela comissão, contradiz esta afirmativa e garante que o filme nacional leva tanto ou mais gente ao cinema quanto o estrangeiro. Com a vantagem de criar mais empregos e renda para o próprio Brasil, ao invés de gerar um fator de evasão de divisas, como é o caso do filme estrangeiro. Além do mais, o filme estrangeiro quando chega ao Brasil, já está totalmente pago na sua origem, e tudo mais é lucro. Por isto, os donos das grandes redes de salas exibidoras e os produtores estrangeiros não se preocupam em oferecer cinemas confortáveis, mal localizadas e superdimensionadas com ingressos a preço de banana. Mera questão econômica. Por outro lado, a produção nacional encontra mil barreiras até conseguir pôr seu filme na tela. O produtor é obrigado a pagar uma significativa taxa pela importação de matéria-prima, o filme virgem, a fita magnética virgem e o equipamento, concorrendo em igualdade de condições, no final, com o produtor estrangeiro que encontra todas as facilidades para entrar no nosso mercado. E enquanto tudo isto não for revisto, as salas continuarão saindo de cena, os brasileiros perderão seus espaços de lazer e os exibidores reclamarão da vida. Mas a comissão elaborou uma lista de 15 itens contendo propostas de resolução do problema do fechamento de salas exibidoras. Em primeiro lugar, seria necessário a realização de uma ampla pesquisa de mercado para determinar uma nova política de mercadologia para o cinema no Brasil. Com base nesta pesquisa, implantar uma política de incentivo à remodelação, recuperação e construção

de salas exibidoras, contempladas com medidas fiscais, alfandegárias e concessão de créditos subsidiados. E sugerido também a proibição de filmes inéditos fora do circuito comercial e a realização de sessões públicas abertas em salas pertencentes a órgãos públicos e outras salas não comerciais. E por aí seguem as sugestões da Comissão. Mas enquanto o cinema comercial sofre desta crise de depressão, o circuito paralelo (as pequenas salas e espaços improvisados para exibição), vai de vento em popa. Atualmente, prevê-se cerca de 40 salas de cinema funcionando diariamente, com o compromisso de apresentar filmes de qualidade, que dificilmente são exibidos pelas empresas cinematográficas. E estima-se que mil e quinhentos outros locais por todo este Brasil fazem exposições cinematográficas como complemento de suas atividades. A Embrafilme, com isto, sai fortalecida e calcula, inclusive, uma receita de aproximadamente Cr\$ 1 bilhão e 200 milhões apenas no ano passado, contabilizados através destes espaços alternativos de exibição. Enfim, aos trancos e barrancos, prossegue a epopeia da oitava maravilha, que se para uns já não é tão maravilhosa assim, para muitos continua sendo ainda a maior diversão. E o maior fabricante de sonhos (apesar de algumas vezes produzir filmes dignos de alguns bons pesadelos). Pena que, se tudo continuar como está, nos restará o consolo de assistir os filmes pela televisão, com 20 anos de atraso mas com a compensação de ser mais confortável e menos doloroso.

Elisa Mattos

Os impostos e a lei que obriga a projeção de filmes nacionais são motivos dados pelos exibidores ao explicarem o triste fechamento das salas de exibição no País afora. Somente no ano passado, foram 69 casas que tiveram suas portas hermeticamente lacradas e o panorama não parece querer mudar breve. Pelo contrário, se nossa situação continuar do jeito que está, o Brasil será famoso por salas escuras sem nada na tela. E agora, José?